

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)  
**ARMANDO ROCHA CRUZ**  
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9  
TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## PORTUGAL E ETIÓPIA Amizade Histórica e Exemplar

**R**OMAGEM de saudade e missão de reconhecimento — assim justificou, nobremente, o Imperador da Etiópia a sua visita a Portugal, país que, na jornada dos séculos, tem sabido, com escrupulosa dignidade, manter e estreitar os laços de amizade com as heróicas e sagradas terras do Preste João.

A constância dessa cordialidade internacional, aviventada na evocação deslumbrante de um passado comum, Sua Majestade Imperial Hailé Selassié I a definiu

nestas palavras digníssimas e exemplares:

«Lembraremos sempre com gratidão o auxílio prestado à Etiópia por Portugal e pelos heróicos soldados portugueses sob o comando de Cristóvão da Gama na sua luta para conservar intactas e incólumes a sua religião e a sua independência. O feito militar de Cristóvão da Gama, a sua coragem indomável e a sua generosidade estão evocados em lugar de honra na história da nação etíope.

Declarámos, sinceramente convictos, que as relações amigas entre Portugal e Etiópia tiveram um papel preponderante na história das Índias e do Extremo-Oriente. Se não fosse a sede das descobertas que animaram os Reis e o povo de Portugal e que os trouxe ao mais antigo Império Cristão no continente africano, e as fantásticas aventuras e realizações dum Pero da Covilhã, dum Henrique, de D. João II, dum Vasco, Estê-

(Conclui na 3.ª página)

## FESTIVAL DE VERÃO NA PRAIA DE QUARTEIRA

INAUGUROU-SE no passado sábado, dia 1 de Agosto, a temporada recreativa na Esplanada

-Dancing, com grande afluência de público.

O sr. Dr. Sousa Pontes, Presidente da Junta de Turismo da Praia de Quarteira depois de proferir breves palavras explicativas da finalidade das Juntas de Turismo, segundo o Código Administrativo, fez a apresentação do sr. Arnaldo Martins de Brito, Vice-Presidente da Comissão de Festas da Casa do Algarve em Lisboa, como seu colaborador artístico durante a época de 1959, o qual por sua vez saudou as autoridades de Loulé e de Quarteira na pessoa do Ex.º Sr. P. Presidente da Câmara Municipal de Loulé, exaltou as

(Conclui na 4.ª página)

Há praias privilegiadas pela natureza a que o braço do homem pouco pode fazer; e há praias também que andam de braço dado com o tal factor sorte.

A imagem reproduz-nos uma vista aérea da praia da Nazaré — a expressão máxima das praias portuguesas, segundo a opinião de entendidos. A praia televisada, filmada, reproduzida através da imprensa estrangeira e clamada aos sete ventos.

As praias deste nosso Algarve podem somente contar com a natureza — porque o factor sorte não anda com elas. E é pena que assim seja, porque não seria tempo perdido se se dessem ao trabalho de olharem cá para baixo com olhos de ver...

### NOTA DA REDACÇÃO

Com o pleno sentido da responsabilidade que tomamos na confecção deste Jornal, aliás confecção sempre ponderada e orientada nos princípios a que sempre nos propusemos, rectificamos o sentido do artigo «Vãos Inconscientes», publicado no nosso número de 12 de Julho e que mereceu o reparo das entidades superiores.

Não foi intenção do articulista, melindrar a orgânica disciplinar das Forças Aéreas, nem criticar os seus princípios da directriz que a orienta, mas sim analisar, pura e simplesmente como flagrante «caso da semana», o desastre ocorrido na Chamusca.

Não houve, pois — nem nunca poderia haver — o sentido de criticar publicamente um caso a que a disciplina imposta nas Forças Aéreas se sobrepõe, explorando esse mesmo caso como sensacional e lançando a confusão na opinião de quantos o leram.



O Imperador da Etiópia, em Lisboa, com os rapazes e raparigas do Rancho Folclórico da Nazaré «Tá Mar»

### O PROBLEMA TURÍSTICO DE MONTE GORDO

## DEPÕE UM ANTIGO VERANEANTE E NOSSO ASSÍDUO LEITOR

Suscitou maior interesse do que aquele a que estamos habituados e que se manifesta na maior parte das vezes, por vago e inexpressivo manear de cabeça, o nosso último artigo onde focávamos algumas das maiores necessidades da magnífica es-

tância balnear de Monte Gordo, o fulcro principal do nosso cariz turístico.

Com o fim unicamente de despertarmos da letargia em que estão envolvidos tantos amigos de Monte Gordo e que por esta magnífica praia tanto poderiam

fazer, enumerámos ainda que lacónica e vagamente os melhoramentos que se estão a introduzir nas outras praias algarvias, que já gozam de merecida fama por todo o País.

Não sem deficiências e algumas inexactidões a que o sr. presidente da Câmara Municipal em amável officio nos fez o favor de elucidar e que no próximo número teremos o prazer de publicar, o nosso artigo pareceu fazer reverter aquele velho orgulho que ainda existe em nós quando defendemos a magnífica praia de Monte Gordo; pelo telefone, por carta e mesmo verbalmente os cumprimentos sucederam-se e cremos que desta colectiva manifestação algo teremos a lucrar em benefício

(CONTINUA NA 3.ª PÁGINA)

### AO CORRER DA PENA

## CARTAS SEM RUMO

RECEBI a sua carta escrita com alvoroçada e compreensivo alegria: A sua menina, a menina dos seus olhos, seu amor maior e justificação máxima da sua vida, completou

o seu curso, é professora primária.

Sei quantos sacrifícios isso lhe custou e porque o animei e porque o incitei na batalha — a vida é uma batalha e nada vale se o não for — também me regozijo com a sua alegria. Eu sei quanto custa a pessoas de poucos recursos materiais como nós, a formação integral de um filho até dar-se-lhe ferramenta apropriada com que possa agenciar honestamente a sua vida, sem nunca virar costas ao que à sua volta se passa. O mundo não somos só nós que o formamos e muitos disso se esquecem. Há também os mais fracos ou desalentados e devemos dar-lhe

(Conclui na 2.ª página)

### CORTEJO DE OFERENDAS EM TAVIRA

No dia da inauguração dos novos pavilhões de enfermarias, vai a Santa Casa da Misericórdia de Tavira promover no mês de Outubro, um Cortejo de Oferendas, pelo que já se reuniram as diversas comissões que organizam o referido Cortejo.

## FOI HOMENAGEADA NO RIO DE JANEIRO A COMISSÃO PORTUGUESA QUE CONVIDOU O PRESIDENTE KUBITSCHK A PARTICIPAR NAS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

COM o maior relevo, toda a Imprensa brasileira publica largas reportagens da sessão realizada no Palácio do Catete para entrega ao Presidente Kubitschek de Oliveira do convite do Presidente Américo Tomás para que o Chefe do Estado brasileiro visite Portugal durante as soleni-

dades comemorativas do centenário da morte do Infante D. Henrique, em 1960.

Os termos do convite são postos em destaque, publicando a «Gazeta de Notícias» a sua reportagem sob o título «Kubitschek aceitou o convite e visitará Portugal em 1960». Por seu turno, o «Diário Carioca», também na primeira página e com realce, diz em título: O Presidente aceitou o convite de Portugal».

Outros jornais inserem, como aqueles, as suas reportagens acompanhadas de grandes fotografias dos componentes da missão extraordinária portuguesa com o Presidente Kubitschek de Oliveira.

(Conclui na 4.ª página)

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### A Paz

Tão difíceis os caminhos dos últimos anos... Tortuosos, ora resvalando para o abismo, ora assomando ao inferno, ameaçado pela ganância dos abutres, pela cólera dos tigres, pelas malasartes de todos os pequenos catxeirinhos da morte...

Enfim, parece ter chegado a porto de salvamento. Cada dia que passa mais enraíza em nós a convicção de que os povos de todo o mundo ganharam a grande batalha, a guerra não voltará a tingir a terra de vergonha e de crime...

### Mas também...

Hurra! Ergamos o braço da Paz e declaremo-la vencedora! Não podem imaginar o íntimo prazer que me dá esta certeza, que aliás não perdi nunca. Sinto, tão concretamente como

(Conclui na 2.ª página)

## GINCANA AUTOMOBILÍSTICA EM TAVIRA

No próximo dia 15 realiza-se em Tavira, a favor da Santa Casa da Misericórdia uma Gincana de automóveis promovida por um grupo de amigos do Hospital.

Dado o entusiasmo que suscitou esta bem organizada Gincana, já se contam por muitas dezenas os automobilistas inscritos de todo o Algarve.



Esta beleza exótica chama-se Jayne Mansfield — a loira escandalosa que faz correr rios de tinta na imprensa americana. Este adeus simpático, não é para si, leitor, até porque nem apetece dizer-lhe adeus, mas... à volta cá te espero!



— Olá! Vocês parece que não gostam da minha cara, hein! Pois hoje não quis comer a sopa, é verdade. Fui até à praia, tomei uma banheira, almocei e agora até vou tomar um «carioca» à esplanada.

Bom, mas entretanto vou passar pelas «brasas».

Até logo!

noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se a veranear em Monte Gordo, o nosso estimado amigo e ilustre comprouviciano sr. Juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho.

Encontra-se na vizinha cidade espanhola de Alamoonte o nosso prezado assinante em Sevilha sr. Joaquim González Sáenz.

Encontra-se em França onde irá estagiar a sr.ª D. Simone Pereira Brito, finalista do Instituto Superior Técnico, filha do nosso estimado amigo sr. João Baptista Brito.

Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se em Monte Gordo a passar a época balnear o nosso estimado assinante em Lisboa, sr. dr. Armando Celorico Drago.

Em gozo de férias encontra-se nesta vila em casa de seus pais o nosso estimado amigo sr. João Manuel Gomes Horta, distinto aluno das Belas Artes.

Ainda enfermo da grave doença que o acometeu, encontra-se na sua residência em Castro Marim, vindo de Lisboa, o nosso estimado amigo e assinante sr. José Pedro Pires Parra.

Em casa de seus pais está a passar as férias, o sr. Augusto de Jesus Melo Correia, cadete do curso de Aeronáutica da Academia Militar.

De visita a sua família encontra-se nesta localidade, o nosso prezado assinante em Montejunto, sr. Luís Correia Vargas, 1.º Cabo Explorador de Radar.

Acompanhada de suas filhas encontra-se nesta vila a sr.ª D. Antónia Martins Gaziba, nossa prezada assinante em Sacavém.

Em gozo de férias encontra-se nesta vila acompanhada de sua irmã a sr.ª D. Maria de Fátima Aleixo, filha do nosso estimado amigo e prezado assinante em Lisboa sr. Francisco Medeiros Aleixo.

Acompanhada de sua filha encontra-se nesta vila a sr.ª D. Clarisse Salvador Colaço, esposa do nosso estimado amigo e assinante sr. João Marques Colaço, residente em Ourique.

Casamento

No passado dia 1 de Agosto, realizou-se com grande cerimónia e na maior intimidade o casamento da sr.ª D. Maria Vitória Pereira Chicharo, filha da sr.ª D. Mariana Pereira Costa Chicharo e do sr. José Candido Chicharo, com o nosso querido amigo sr. Eurico Duarte Baltazar, filho da sr.ª D. Maria Duarte Baltazar e do sr. Diamantino M. Baltazar. Apadrinharam o acto os pais dos noivos. Após a cerimónia foi servido aos convidados um finíssimo copo de água no Restaurante Alvalade. Aos noivos o «Notícias do Algarve» deseja muitas felicidades e as maiores venturas.

EM ALTE

NUM GESTO DIGNO DE LOUVOR FOI INSTITUIDO POR PARTICULARES

um prémio para os alunos mais aplicados

Nem todos os que vão para o estrangeiro, deixam, passados longos anos, os anéis que os pretendem à terra mãe e não se esquecem facilmente dos seus anos de juventude quando calcorrevam longos quilómetros para virem receber numa pequenina escola o saber que os encaminhará no dia de amanhã e lhes formará o espírito e inteligência.

São dignos dos maiores encómios os naturais da risonha e típica vila algarvia de Alte, sr.ª D. Olga Leal de Carvalho e seu esposo sr. dr. Raul Guerreiro actualmente residentes no Brasil, que acabam de firmar uma escritura onde dão à Casa do Povo de Alte uma extensa propriedade de terra de com semear oliveiras, alfarrobeiras, e

No Mundo da Ciência

um homem voou já a bordo de um foguete

CHAMA-SE Scott Crossfield o primeiro homem que efectuou um vôo de ensaio a bordo de um foguetão planador. A sua divisa é: «Não há heróis natos — fazem-se por contrato».

Piloto de ensaio civil e engenheiro profissional, Crossfield, aos 37 anos, regressou à Terra num foguetão X-15 que havia sido lançado de um bombardeiro a jacto B-52 a 8.500 metros de altitude, sobre o deserto de Mohave. Trabalhava contratado por uma companhia de aviação, que o incumbira da tarefa específica de pilotar o novo revolucionário foguetão.

Crossfield encara a sua missão como coisa normal. sem nada de particularmente heróico. É um trabalho, uma tarefa que a si próprio se impôs de livre vontade e que «têm de realizar».

A sua figura é delgada e férrea. Tem os olhos e os cabelos negros e o seu olhar possuía mesma intensidade, quer esteja a estudar um plano de X 15, quer observe a indumentária prateada que protege o seu corpo nas grandes altitudes. Não julgou necessário qualquer treino especial ou experiência com vôos em foguetões para que o fez, porque todo o piloto de ensaio competentes conseguiu-lo-ia, diz, com uma preparação adequada.

«Seria vaidade pura da nossa parte pensarmos que poderíamos contruir um aparelho capaz de ultrapassar as possibilidades humanas» — declara categoricamente, ao discutir o papel de homem na exploração espacial.

Exprime-se com calma, embora possa falar com entusiástica eloquência de muitos assuntos — principalmente sobre história da

ENGENHEIRO

Fernando A. Vargas Marques

Acabou a sua formatura no Instituto Superior de Engenharia-Químico Industrial o nosso estimado amigo e conterrâneo sr. eng. Fernando Abecassis Vargas Marques, pelo que o felicitamos assim como a seu pai sr. José Rodrigues Marques, conceituado proprietário e despachante oficial da Alfândega desta vila e igualmente nosso estimado amigo.

Aviação, em que é especialista. Não considera o seu vôo no X-15 com proeza radicalmente nova — acha-o mero prolongamento de experiências anteriores, como a façanha do primeiro homem que conseguiu voar à velocidade dupla do som.

Mas porque se teria disposto a esta prova? Não sei explicá-lo — responde. — «Era uma coisa que tinha de fazer e que por força queria fazer. Desconheço a razão que leva as pessoas a estas coisas».

Scott Crossfield nasceu a 2 de Outubro de 1921, em Berkeley, na Califórnia. Vive com a mulher e os cinco filhos — o mais novo de um ano e o mais velho de dez — em Westchester, Los Angeles, próximo do aeroporto internacional.

Sua esposa, Alice, pouco conversa com ele sobre o seu trabalho, porque Crossfield insiste firmemente em conservar separada da sua vida profissional a vida doméstica.

Admite que todos os seus planos para o futuro estão concentrados no desenvolvimento dos planos do X-15, porém não vê impedimentos científicos a que a primeira viagem à Lua se realize ainda durante a sua vida.

«O que temos são problemas — assegura — e não barreiras».

Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

esta brisa perfumada que vem da serra, que o reinado da morte em colectivo findou — e que, pela primeira vez na História, o Homem se prepara para conquistar a felicidade...

Porque, reparemi, que sucederá quando forem canalizados para o serviço da vida, os milhões, os bilhões, postos, até hoje, esbanjadoramente, ao serviço da morte? Só com o dinheiro que se gasta no fabrico de uma única bomba atómica, poderíamos construir uma infinidade de sanatórios, casas de repouso, museus, estádios, habitações, escolas... O cancro e outras pragas que nos devoram, poderão ser atacados de frente e a sério — como autênticos inimigos que são e como tal devem ser combatidos. As nevrozes de que sofrem os homens do nosso tempo não terão mais razão de existir; o medo terá desaparecido da face da terra — e cada um de nós poderá cultivar amorosamente o pedaço de jardim que lhe couber...

Porque não será apenas o reino da morte que terá desaparecido — mas também o reino da loucura...

O reino da loucura...

No mês passado fiz anos. Que prenda, quem me conhece, havia de oferecer-me? Livros, pois claro!

Não vou aqui dizer todos os que me deram. Vou só falar de um que me impressionou a um ponto que não sei explicar. Trata-se do DIÁRIO DE HIROSHIMA, escrito por Michihiro Hachiya.

Hachiya era médico naquela cidade japonesa quando a bomba atómica foi lançada, a 6 de Agosto de 1945. Sofreu na sua carne os horrores do bombardeamento e a luta que desenvolveu juntamente com os seus colegas para vencer o mal causado pelas radiações atómicas atinge, aqui e ali, as raízes do heroísmo.

As páginas em que descreve o acontecimento constituem um autêntico mergulho no inferno, como já alguém notou.

«Era ainda cedo. A manhã anunciava-se calma e soalheira. As folhas das árvores, reflectindo a claridade de um céu sem nuvens, formavam um delicioso contraste com as sombras do jardim, enquanto o meu olhar errava para o sul, através das portas escancaradas da minha casa... Bruscamente, um clarão deslumbrante fez-me saltar. (...) Com a maior surpresa ve-

PROVINCIA

VILA NOVA DE CACELA

Falecimentos

Após prolongado sofrimento, faleceu há dias na sua residência a sr.ª D. Antónia Maria da Silva, de 86 anos de idade, viúva do sr. Miguel da Silva, falecido há bastantes anos. A extinta era mãe das Senhoras D. Maria Sebastiana Silva Ribeiro, casada com o sr. José Ribeiro, chefe da secção dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, aquartelados nesta vila, D. Ana S. José da Silva, regente escolar e do sr. Jaime Silva e cunhada do comerciante desta praça sr. Elvino Abreu e Silva e avó do sr. Estanislau Silva, funcionário do Banco Português do Atlântico em Lisboa.

O funeral realizou-se para o cemitério local com regular acompanhamento.

Também faleceu, nesta freguesia a Senhora D. Marcelina do Carmo Madeira, viúva de 67 anos, mãe da sr.ª D. Odília Madeira Correia e do sr. Dr. José Correia, advogado.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, vendo-se no acompanhamento indivíduos de todas as categorias sociais, tanto desta freguesia, como de Vila Real de Santo António, Tavira, Faro, etc.

O Notícias do Algarve apresenta pesames à família enlutada e em especial ao sr. Dr. José Correia, nosso assinante. — e.

Agradecimento

A família de Feliciano Gomes Baptista, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada o seu ente querido e bem assim a todos os que lhes testemunharam o seu pesar.

ALCOUTIM

Exames

Agora que o ano lectivo acabou e que se dá balanço aos despojos da batalha travada, queremos registar num breve apontamento os nomes dos filhos deste concelho que angariando fora dele os seus meios de vida conseguiram triunfar nos estudos a que se dedicaram.

Alcoutim orgulha-se deles. D. Maria Arlete Pereira, de Alcoutim, enfermeira nos Hospitais Cívicos de Lisboa, 1.º ciclo dos liceus; A'lvaro de Castro Fernandes, de Alcoutim, funcionário da C. U. F., 2.º ciclo; António de Assunção Valério, de Alcoutim, enfermeiro no Hospital Júlio de Matos, 1.º ano da Faculdade de Medicina; António Dias Bento, de Afonso Vicente, funcionário da Companhia dos Telefones, 1.º ciclo; António Martins do Nascimento Mestre, de Cortes Pereira, soldado, 1.º ciclo; Gaspar Martins dos Santos, de Alcoutim, enfermeiro no Hospital Júlio de Matos, 3.º ciclo e admissão ao I. S. T.; Jaime Paulino dos Santos, de Giões, guarda da P. S. P., 1.º ciclo e José Dias Bento, de Afonso Vicente, soldado, 1.º ciclo.

Aos valerosos trabalhadores as nossas felicitações com o desejo e incitamento de que prossigam.

Nova Professora

Com boa classificação acabou o seu curso do Magistério Primário, a sr.ª D. Maria Isabel Simão, do Torneiro.

A nova professora e a sua família as nossas felicitações.

Foi para Lisboa passar uma temporada em casa de seu tio, a sr.ª D. Benvidua Maria Bento, de Cortes Pereira.

Mil turistas estrangeiros estão a entrar por dia EM PORTUGAL

Mil turistas estrangeiros estão a entrar, por dia, em Portugal. De Janeiro a Junho já haviam entrado no País 120.000 e só em Junho 29.010 turistas passaram férias em Portugal.

Enquanto em 1951, o número de turistas que veio a Portugal foi de 47.710, em 1957 subiu o afluxo turístico para 251.385, calculando-se que, em 1959, cerca de 500.000 estrangeiros tenham stê agora visitado Portugal.

Ainda não está apurado o movimento de Julho, mas sabe-se que excedeu largamente o do mês anterior.

Os meses entre Julho e Outubro são os de maior movimento.

Mil turistas estrangeiros estão a entrar por dia EM PORTUGAL

Mil turistas estrangeiros estão a entrar, por dia, em Portugal. De Janeiro a Junho já haviam entrado no País 120.000 e só em Junho 29.010 turistas passaram férias em Portugal.

Enquanto em 1951, o número de turistas que veio a Portugal foi de 47.710, em 1957 subiu o afluxo turístico para 251.385, calculando-se que, em 1959, cerca de 500.000 estrangeiros tenham stê agora visitado Portugal.

Ainda não está apurado o movimento de Julho, mas sabe-se que excedeu largamente o do mês anterior.

Os meses entre Julho e Outubro são os de maior movimento.

CARTAS SEM RUMO

(Conclusão da 1.ª página)

a mão, ajudá-los a levantarem-se e a caminhar.

Ergeu-a pelo seu esforço e pelo seu sacrificio — agora admira a sua obra e enternecese com ela. Há talvez perigos de sangue misturados com amor nessa tarefa.

Eu não sei, não conheço maior orgulho. E este é legítimo.

Escolheu sua filha uma bela profissão.

Ser professora e professora primária é dar-se inteiramente à inocência, é criar-lhe consciência da vida — uma vida recta, clara, sem desvios, nem escaninhos. É fazer com que a luz da pureza nunca venha a ter manchas e brilhe de cada vez mais pura e mais intensa.

A sociedade em que vivemos, estruturalmente materialista, não compreende esta missão e porque ela se realiza sem grandes maquiãs de retribuição, mal-sina-a, deturpa-a, quando devia vir ao seu encontro ajudando-a.

A gamela de abundantes virtuais é um símbolo de valia. Peça a sua filha que nunca deixe de ser professora — nobre, independente, compreensiva na sua missão. Além da de mãe não conheço tarefa mais própria da mulher.

E por poucas mais ela devia sair de sua casa.

Que a porta da sua escola esteja sempre aberta à população que serbe, mas para lhe servir de exemplo, de gula, não se imiscuindo em desavenças nem

Assinaí e propagai «Notícias do Algarve»

zas materiais em grau nunca atingido na História.

... Mas a guerra não virá. Não virá porque os povos de todo o mundo ergueram o braço da Paz e declararam-na vencedora...

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 26 a 29 de julho

Table with columns for names and amounts. Includes Refrega (30.850\$00), Janita (13.380\$00), Infante (12.470\$00), Pérola do Guadiana (10.780\$00), Conceicanita (8.510\$00), Flor do Sul (7.380\$00), Norte (6.833\$00), Leste (5.960\$00), Flor do Guadiana (5.660\$00), Raulito (4.610\$00), Agadão (4.590\$00), Vulcão (3.885\$00), Triunfante (3.700\$00), Tozé (3.480\$00), Liberta (2.940\$00), Maria Rosa (980\$00). Total: 126.010\$00.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 23 a 29 de julho

Entrados: MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio. ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. MARIA CHRISTINA, de 549 ton., MIRA TERRA, de 562 ton., e MARIA CHRISTINA, de 549 ton., ambos Portugueses, de Lisboa, vazios. GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saídos: MIRA TERRA, com minério, para Lisboa. ARBEDO, com conservas, para Génova. MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa. PATRICK M, com minério, para Dublin. MIRA TERRA e MARIA CHRISTINA, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente de 8 a 14 de Agosto a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

TAVIRA e a Volta a Portugal EM BICICLETA

Ao ser conhecida a notícia que o corredor do Ginásio Clube de Tavira, Alcide Neto era o novo portador da «Camisola Amarela» e que Sérgio Páscoa outro valoroso corredor do Ginásio tinha sido o primeiro a cortar a linha de chegada em Estremoz, todo o Algarve e principalmente Tavira, viveu horas de grande contentamento que foi vivamente demonstrado com a precipitada saída da Banda de Música e de foguetes.

escutando os enredos que diadem e são causa de muitos ódios, O professor não é só na sua sala. Ergue-se ativo o farol, ruge o mar em sua volta soltando ameaças e raias e ele serenamente espalha luz e indica o caminho a seguir.

Os meninos na escola têm a mesma mãe, a sua professora, que os não pode distinguir no seu afecto e interesse. Os pais, o que valem e o que podem, não têm memória na sala de aula.

Esta sociedade tem de ser reformada e há-de ser falsa essa reforma se não começar na escola.

E agora falo-lhe de mim. Sou já quase um eco do passado se o meu passado tem eco. Eu creio que todos o têm. É pelo que cada um fizer que se há-de apurar o total.

As minhas netinhas, lá muito longe, a minha mais pungente saudade e viva memória, também fiteeram exame.

O exame de dois anjos de 5 e 4 anos!

A mais velhinha ficou aprovada com 12 valores — copiou umas letras, cobriu com lápis uns desenhos e entrançou umas tiras de papel.

À outra para tanto não chegou o engenho e ficou reprovada. Disse-me a mãe, em carta, que um dia foi ao colégio e espreitou pela frincha da porta o que ela fazia: ballava, trauteava umas canções e carregava para a sua carteira os brinquedos do seu agrado que via nas carteiras das vizinhas.

O que há-de fazer uma borboleta a quem ainda não caíram as asas?

A avó diz-me que lhe vai mandar uns prémios. Para uma o do reconhecimento do seu mérito e para a outra o da consolidação de uma derrota.

E eu acho bem.

Anacleto Pires

# OUVINDO O DIRECTOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA DA FIGUEIRA DA FOZ

(Conclusão do número 319)

As bibliotecas não podem estar dependentes apenas das ofertas. Lógica, portanto, nossa curiosidade:

— Quem as concede e de que verbas dispõe a biblioteca para as suas aquisições?

O nosso entrevistado esclarece: «Da Câmara Municipal, dos contributos do Grupo dos Amigos da Biblioteca e de parte do rendimento das quotas do serviço de empréstimo domiciliário.

O professor Vitor Guerra preferiu não tocar em números. Era dever nosso respeitar a sua vontade, muito embora lamentássemos perder a oportunidade de ver até que ponto as nossas bibliotecas podem chegar, no que toca a recursos, aliás muito diversos e variáveis, de tal modo que não pode haver comparação possível.

A Biblioteca Pública da Figueira da Foz não tem, como as outras, pessoal suficiente ao seu serviço. Parece-nos que este assunto deveria merecer a melhor atenção do Ministro da Educação, cuja actividade, verdadeiramente notável, nunca é demais encarecer.

Conselho de leitura também não existe nesta biblioteca pública. Mas haverá alguma que o tenha?

Uma vez que não existia um conselho de leitura, que pode servir tanto para seleccionar as aquisições como de guia orientadora dos leitores, quisemos saber: — Existe na Biblioteca qualquer acção bibliotecária tendente a orientar os leitores nas suas requisições?

— O director da Biblioteca elucidou-nos: — A Biblioteca é frequentada em grande parcela por jovens, que se encaminham o melhor que é possível. Muitos leitores vêm à Biblioteca sem ideia formada acerca do que devem ler; aqui recebem as necessárias directrizes. Desaconselham-se, tanto quanto possível certas leituras. Enfim, seja-nos permitido dizer, a acção bibliotecária tendente a orientar os leitores exerce-se permanentemente pela força das circunstâncias.

Ainda bem que assim é, tanto mais que este importantíssimo papel parece que se escapa em muitas das nossas bibliotecas.

Passamos a outro assunto: — Como julga possível fomentar o gosto pela leitura?

A resposta não se fez esperar: — Chamando-se a atenção do público para as actividades da Biblioteca, através da Imprensa e Rádio, altifalantes publicitários; organizando exposições e ciclos de conferências; diminuindo, até ao mínimo indispensável, as formalidades a cumprir pelos leitores; solicitando aos professores, quer officiais, quer particulares, que aconselhem os alunos a frequentarem a Biblioteca; valorizando, dia a dia, as colecções existentes e tentando criar outras; adquirindo espécies bibliográficas, de reconhecido valor, desejadas pelos leitores, etc.

Nesta resposta estava justificada a razão do êxito da Biblioteca Municipal da Figueira da Foz. Onde mais alguém pensou na propaganda da biblioteca por meio de altifalantes publicitários? E, no entanto, quantos o poderiam fazer!

Outra questão a pôr: — Entende que as bibliotecas devem ser unicamente estáticas, ou também itinerantes e móveis?

Na resposta que o ilustre professor nos deu está implícito o que pensa a propósito: — Fiz, em 1957, diligências para que a Câmara criasse um serviço itinerante. Trata-se, afinal, de levar o livro ao encontro do leitor — uma forma mais completa do empréstimo domiciliário.

Proseguimos: — Considera fundamental que seja a Biblioteca a atrair os leitores?

— «A vida actual, diz-nos o professor Vitor Guerra, excessivamente dispersiva e o mesmo tempo absorvente em certos dos seus aspectos, pouco lugar reserva para o culto dos valores do espirito. A's bibliotecas incumbem, consciente dos tesouros que encerram e do pessoal que a civilização lhes destina, vir para a praça pública lembrar aos esquecidos que a cultura integral do homem não pode dispensar a leitura, se possível diária, mas, claro está, a boa leitura, que nos transmita a mensagem dos altos espiritos da humanidade.

Depois destas considerações gerais, quisemos saber: — De que meios se serve a Biblioteca para aumentar e valorizar o seu recheio?

Que não era uma pergunta destituída de fundamento, prova-nolo a resposta: — O carinho votado à Biblioteca Municipal Pedro Fernandes

Tomás pelos Figueirenses e outras individualidades, bem notório, traduz-se por doações e dádivas, que periodicamente a enriquecem. Cito apenas as doações mais importantes: parte da livraria do escritor lisboense Ramos Coelho; a do Prof. Dr. Guimarães Pedrosa (6.000 volumes); a do Dr. A. Mesquita de Figueiredo (10.000 volumes); a do escritor Carlos Sombrio, algumas colecções do investigador local Maurício Pinto, que aqui vão dar entrada brevemente. O livreiro-editor do Rio de Janeiro Joaquim de Oliveira Antunes, figura notável da colónia portuguesa o jornalista do «Diário de Notícias», Augusto Pinto, ambos figueirenses distintíssimos, o camandante Ernesto de Vilhena e o livreiro de Lisboa Júlio Guimarães, e outros, avolumam anualmente o recheio da Biblioteca com muitas centenas de volumes.

Uma pergunta de interesse: — Quais são as profissões que predominam entre os leitores?

— Estudantes de ambos os sexos e empregados de escritório e de comércio.

— E os géneros bibliográficos mais preferidos?

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca, praticamente, não possui raridades bibliográficas. E' pena, como património, mas pode ainda haver alguém que lhes ofereça.

— Literatura e História.

A Biblioteca Municipal manteve, por mais de uma vez, no Jardim público da cidade, bibliotecas ao ar livre. E' seu desejo reviver o sistema, bastando para tanto que a Câmara tenha possibilidade de assumir tal encargo.

A entrevista ia longa e o nosso amável interlocutor tinha os seus afazeres. Não queríamos, de modo algum, abusar da sua benevolência.

Procurámos um fecho feliz. Parece-nos que o melhor que conseguiríamos seria uma boa resposta à pergunta: — Que entende o Sr. Professor por missões da biblioteca?

A resposta não se fez esperar: — A Biblioteca incube, fundamentalmente, a missão de ministrar conhecimentos e de contribuir para a educação e cultura geral. E', simultaneamente, complemento e prolongamento da escola. E' uma instituição insubstituível na vida dos povos que anseiam o seu aperfeiçoamento e progresso, em todos os sectores.

Tinhamos conseguido o fecho desejado.

A Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, tem como seu director um homem capaz de continuar a mantê-lo como um exemplo a seguir.

José dos Santos Marques

## O PROBLEMA TURÍSTICO DE MONTE GORDO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

de Monte Gordo, esperando que os nossos leitores e mesmo os veraneantes daquela praia nos escrevam enaltecendo a praia, enumerando alguns defeitos e apresentando-nos sugestões, pois estamos certos que conjugando dos mesmos interesses, Monte Gordo ascenderá ao lugar a que tem jus.

Hoje damos à publicidade uma carta recebida na nossa Redacção e que nos foi enviada por antigo veraneante de Monte Gordo, que nos apresenta algumas deficiências que estamos certos a Câmara Municipal procurará remediar na medida do possível.

Monte Gordo, 3/8/1959

Sr. director do Notícias do Algarve

MENHO residência própria nesta linda praia, onde venho há bastantes anos, porque, apesar de conhecer muitas outras, esta tem sempre a minha preferência, pois bem a merece, não só pelas suas magníficas condições naturais como pelo seu extenso e esplêndido pinhal, que lhe confere excepcionais características de autêntico sanatório.

Tenho, até certo ponto, pois, assistido ao que poderemos dizer, renovação de Monte Gordo; porém, como essa renovação se vem verificando tão lentamente e, por vezes, tão desafortunadamente, eu quero, não só apresentar a V. os meus mais cordiais aplausos pelo magnífico artigo publicado no último número do vosso conceituado Jornal, como aproveitar a oportunidade para, se for possível e sem grande prejuízo para o espaço disponível no mesmo periódico, vir expôr quanto tenho observado este ano, sobre turismo em Monte Gordo o que, infelizmente, me leva a crer que tudo vai decorrendo.

Trânsito: Pessimamente organizado, sem fiscalização orientadora, numa localidade onde há uma única entrada para quem vem do lado poente da provincia. Falta absoluta de policiamento na Avenida Pedro Alvares Cabral, onde, ainda no passado ano, houve a lamentar a morte de uma criança por atropelamento de uma camioneta.

Limpeza: Outra lástima, feita por dois homens a quem, se de

momento se proporciona oportunidade de ir fazer uns recados a quem deles necessitar, levar uns embrulhos, descarregar uma camioneta de carga ou coisa semelhante, nada se preocupam em deixar a carripana em qualquer parte e aproveitar aqueles escudados que ajudam à vida. Começa-se a limpeza de manhã e em plena avenida, quando os veraneantes estão a suas portas ou janelas, a disfrutar um pouco de fresco, pelas 19 ou 20 horas, ainda por lá andam homens e carroças recolhendo lixo e levantando poeiras.

Esplanadas-cinemas: Estão, este ano, um pouco mais moderados, talvez por influência de, neste sentido, lhes ter sido chamada a atenção, no ano anterior. No entanto, por vezes, esquecem-se do respeito que devem ao seu semelhante, que é quem lhes mantém as casas, e ainda fazem certa barulheira.

Policimento: Dois funcionários, pelo que tenho observado, somente a partir de 1 de Agosto. Insuficiente para o grande movimento que já se verifica nesta praia, onde alguns marítimos, por vezes, arranjam ricas de tal forma que nem um «batalhão» seria suficiente para dar conta deles...

Estacionamento de veículos: Foi criado um parque, ao qual ninguém recorre — ou pelo menos muito poucos — devido à exagerada taxa fixada para sua utilização. Entretanto, verifica-se grande aglomeração em ambos os lados da avenida fronteira ao Casino, com prejuízo do trânsito que se faz, assim, já com certa dificuldade. Para os trens também deveria ser fixado local de permanência, pois, entretanto não há uma alma caridosa que se lembre de pensar no assunto, temos de confessar quanto é triste vê-los permanecer junto ao mercado, com todos os seus inconvenientes: dejeções dos animais, que provocam mau cheiro e moscas, impedimento de passagem de outros veículos, discussões inúteis e desagradáveis, por vezes, com carreiros, que, como se sabe, não primam pela cortezia e outras coisas mais, no mesmo género, todas elas sempre aborrecidas.

Lembramo-nos, a propósito que, há anos, uma disposição camarária tornou obrigatório o arranjo dos trens e decente apresentação dos carreiros. Este ano já nada disso se vê: um ou outro, razoável, mas a maior parte dos carros, estão mal cuidados, cheiram mal, servem para transporte de tudo, pessoas, animais (cães — ainda há dias uma destas bichezas foi meu companheiro de viagem numa daquelas traquitanas!) peixe e outras cargas.

Cães: E a propósito destes animais, por vezes simpáticos, é certo... — Não seria possível averiguar com tempo (agora não nos parece a ocasião mais oportuna)

(Conclui na 4.ª página)

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM TODO O ALGARVE

## TEMAS SOCIAIS

# SUPERIORIDADE

Por esse mundo há quem tenha uma falsa noção do que seja superioridade...

No meu entender a pessoa superior não é aquela que tem uma formatura ou consegue evidenciar-se como cientista, escritora ou artista... Por vezes acontece até serem essas pessoas as mais expostas a certas inferioridades provenientes do meio em que vivem, sujeito a mil convenções, e do alto conceito em que se têm. Recusam-se a aceitar como irmãs as ignorantes, as que, por várias circunstâncias, são apagadas e humildes, e eu julgo ser esta uma grande e censurável inferioridade.

A verdadeira superioridade está na bondade, na simplicidade, na compreensão inteligente e afável. A pura sabedoria, aquela que está acima das convenções humanas, reconhece que não é a cultura, a imaginação ou a habilidade que tem maior importância... O que verdadeiramente importa é ter coração para amar e procurar compreender os nossos semelhantes.

Todos somos feitos da mesma argila... Que importa que ela tome a forma de uma artística ânfora ou a de um tosco tijolo? A diferença, neste caso, é apenas aparente... Essencialmente são a mesma coisa, apenas com destinos diferentes. E que é responsável pelo destino de cada um de nós? Quem já escolheu o lugar, o meio, a família em que nasceu? Por que é que uns são favorecidos e outros não? De resto, julgo que será bem raro encontrar quem esteja satisfeito com a sua sorte. A satisfação, a ansiedade, a inquietação fazem parte da condição humana. Elas têm um grande significado nivelador que só não vê quem não quer ver.

Tanto pertence à humanidade e está sujeito às suas imutáveis leis um rei como o mais rude mendigo. Porque então os ares superiores e a presunção? Para que fingir que se ignora que todos somos irmãos?

Que valor tem toda a parte e sabedoria dos homens em face da maravilhosa obra de Deus — a alma humana?

O artista ou o sábio tan-

to podem nascer num palácio como numa choupana; todos sabemos que é assim. E que fizeram o artista e o sábio para terem esses altos dotes. Estará nas mãos de alguém ser sábio ou ser artista? Foi ele que fez o seu cérebro e as suas mãos? Foi ele que criou a força que o impulsiona?

Ah! se todos meditássemos um pouco e considerássemos o nada que somos, ninguém em boa verdade e consciência se julgaria com direito de olhar os seus semelhantes com ares superiores desprezando os que sabem menos ou têm menos habilidade?

A obra de arte, o avanço da ciência, valem pelo o que são e não por serem deste ou daquele... Nós somos apenas instrumentos, feitos por Aquele que tudo sabe, tudo pode, destinados a um determinado fim, embora instrumentos concientes, com uma vontade estimulada pela insatisfação, pelo anseio de perfeição, de verdade e de beleza.

Sejamos conscientes da tarefa que nos incumbe, procuremos aperfeiçoá-la quanto pudermos, mas não nos envaideçamos se não nos queremos inferiorizar... Todos somos iguais aos olhos de Deus todos somos seus filhos e, portanto, — IRMAOS.

Ana Rolão Preto M. Abano

## PORTUGAL E ETIÓPIA

(Conclusão da 1.ª página)

vão (?) e Cristóvão da Gama, a história da nossa civilização e do Mundo não teria sido a história que todos nós conhecemos. Pois foram estes feitos dos portugueses em demanda do Império de Preste João que abriram as rotas desconhecidas da Índia e do Extremo-Oriente. Estes feitos realizados com os rudimentares implementos náuticos de que dispunham e não obstante os perigos que enfrentavam constituem a mais eloquente prova da fé e da ciência náutica dos comandantes e marinheiros portugueses os quais tinham como alvo supremo ligar os dois Estados cristãos então separados não apenas em distância como no tempo ao ponto de as viagens durarem meses e até anos com todos os perigos que baldavam esforços mais tenazes e coragem mais indômita. Este papel histórico desempenhado pelos homens do vosso país foi devidamente reconhecida pelos nossos antecessores quando ofereceram os

## Instituto Maternal

Escola de Enfermeiras-Parteras-Puericultoras e de Auxiliares e de Enfermagem-Parteras

A partir do dia 1 de Agosto até 10 de Setembro, está aberta a inscrição para a frequência, no próximo ano lectivo, dos Cursos de Enfermeiras-Parteras-Puericultoras e de Auxiliares de Enfermagem-Parteras que funcionarão em Lisboa na Subdelegação do Instituto Maternal-Maternidade Dr. Alfredo da Costa — na Subdelegação no mesmo Instituto no Porto e na de Coimbra. O Curso de Enfermeiras-Parteras-Puericultoras tem a duração de um ano lectivo, seguido de 6 meses de estágio; o de Auxiliares de Enfermagem-Parteras tem a duração de um ano incluindo os estágios.

Para o Curso de Enfermeiras-Parteras-Puericultoras podem ser admitidas à respectiva matrícula as diplomadas com o curso de Enfermagem Geral e ainda — a título excepcional e exclusivamente para as escolas do Porto e de Coimbra — as habilitadas com o 2.º ano desse mesmo curso no seu actual regime de ensino; para o Curso de Auxiliares de Enfermagem-Parteras é indispensável a apresentação do diploma do Curso de Auxiliares de Enfermagem.

As aulas e outras poderão ser concedidas isenções do pagamento de matrícula e subsídios de estudo aquelas cuja situação económica c justifique.

As candidatas à matrícula deverão indicar no seu requerimento qual a escola em que pretendem ingressar, em regime interno ou excepcionalmente no de semi-internato.

Estes cursos dão direito, às que ingressarem nos quadros de serviços oficiais, a um abono de 20,00 sobre os vencimentos recebidos pelas enfermeiras habilitadas só com o curso geral, ou só com o curso de auxiliares de enfermagem.

Na sede do Instituto Maternal de Lisboa e na Delegações do Porto e de Coimbra prestam-se todas as informações sobre a frequência dos referidos cursos.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

seus préstimos para a defesa do Cristianismo na África.

Não foi apenas com o intuito de recordar esta epopeia histórica que cá estamos. Temos acompanhado com vivo interesse a contribuição de Portugal para o progresso da civilização ocidental bem como a mensagem de civilização levada ao Novo Mundo pelos pioneiros portugueses.

Viemos portanto numa peregrinação quase religiosa auscultar o génio deste povo que tão grande papel desempenhou na história universal.

Temos conhecimento das grandes medidas tomadas para elevar o nível de vida do vosso povo numa luta sem tréguas contra a pobreza e a doença e estamos certos que sob a chefia dos seus governantes a Nação portuguesa realizará plenamente os seus mais arrojados projectos.

Estamos convictos de que a vossa visita além de nos proporcionar a ocasião de verificar o grande desenvolvimento económico e social atingido irá efectivar e fomentar as já existentes relações económicas e culturais entre os dois povos.

O sentimento de respeito, de amizade e de comunhão histórica que entrelaça Portugal e Etiópia, exprimi-o, rigorosamente, e Senhor Presidente da República, nestas palavras que sintetizam o ambiente afectuoso que aureolou o Imperador Haile Selassie I nesta honrosíssima visita à Nação portuguesa:

«A missão histórica de Portugal foi a de caldear uma nação fraternalmente distribuída por quatro continentes. Vossa Majestade Imperial é soberano de uma grande nação de um desses continentes onde igualmente nos encontramos e para o qual convergem as atenções do mundo. Destinado a desempenhar um papel de cada vez maior relevância, nele se afirmam anseios, surgem paixões e se debatem interesses desencontrados. O nosso voto é para que, no concerto dos países africanos, seja sempre atentamente escutada a voz do Governo de Vossa Majestade Imperial — como voz autorizada da experiência e da ponderação.

Vossa Majestade imperial tem devotado o seu elevado espírito e o seu pensamento de todos os instantes às causas mais nobres e aos ideais mais justos, que ilustram um Soberano e o acreditam na História de seu povo e da humanidade.

Assina e propaga «Noticias do Algarve»

**motores marítimos diesel**




**MERCEDES-BENZ**

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:

OM 636	34 H.P. - 3.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. - 1.200 R.P.M.
203 B	90 H.P. - 1.200 R.P.M.
204 B	120 H.P. - 1.200 R.P.M.
MB 946	225 H.P. - 1.500 R.P.M.

REPRESENTANTES C. SANTOS LDA LISBOA - COIMBRA - PORTO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**BARCO**

Vende-se recentemente reparado com 9 metros de comprimento equipado com motor Skandia de 10 H. P. em muito bom estado, próprio para pesca da rede de malha.

**TRATA RENATO QUINTA OLHÃO**

# FIGURAS AMIGAS

**MARGOS ALGARVE**

ruinado que se chamou Joaquim Coelho de Carvalho. O Café manipulado nessa casa tinha fama, pois era aromático e delicioso. A dona, senhora viúva e gentil, tratava bem os clientes, pobres e ricos. Nas horas de calma e sossêgo os fregueses idosos jogaram o loto, a bisca e o truque; os mais novos discutiam política e beliscavam nas raparigas bonitas para se vingarem de despeitos e ciúmes que transbordavam do coração para a boca. Por esse café passaram algumas figuras distintas das letras, como Moniz Barreto, João Chagas, Luís Botelho e Teixeira Gomes. Também ali repousou bastas vezes o poeta Salazar Moscoso para se inspirar e beber o saboroso café, mas o que ele mais gostava da velha aguardente maderneira que a D. Felizbela lhe fornecia fora das vistas dos profanos. Dessa bondosa senhora, depois de falecer, o poeta de Lagos devia dizer dela o mesmo que o lírico João Penha disse, do seu fornecedor do bom vilho de Coimbra: Já morreu quem fornecia A inspiração a João Penha!

Sem falar em outros versos magoados da musa alegre do vigoroso parnasiano do «Vinho e Fel»...

O Vicentino, um dos assíduos frequentadores do «Café Traquino», comerciante dos mais antigos, Jacobino e historiador da vida de Pombal, pois era o único português que ele adorava até ao fanatismo...

Na roda dos seus amigos e colegas principiou a falar na excelência dos bifes de vitela que o citado café preparava na noite de 11 de Novembro.

Apesar de não serem burros, alguns funcionários públicos e comerciantes arrebitaram as orelhas. O caso não era para menos... Quem é que comia um bife de vitela em Portimão? Só a autoridade sanitária, o juiz, o delegado, o capitão do porto e o administrador do concelho. O resto da população não contava, não governava nem prendia... A família Caixinha, imperava nos

## Visado pela Comissão de Censura

## FESTIVIDADES EM HONRA de N. Sr.ª dos Mártires em Castro Marim

Realizam-se em Castro Marim nos dias 14 e 15 deste mês, as tradicionais festividades em honra de N. Sr.ª dos Mártires, padroeira da vila de Castro Marim. O programa elaborado é o seguinte:

Dia 14 — às 7 horas, alvorada pela Banda de Castro Marim; repique festivo dos sinos, poderosa salva de morteiros e marchas escolhidas; às 9 horas, missa em honra de N. Sr.ª dos Mártires; às 18 horas, confissões na igreja; e às 19 horas, abertura do Bazar e concerto pela Banda de Castro Marim.

Dia 15 — às 7 horas, alvorada; às 9 horas, missa de comunhão geral; às 12 horas, missa solene e sermão; às 20 horas, majestosa procissão com a veneranda imagem de N. Sr.ª dos Mártires com sermão ao recolher; e às 22 horas, concerto pela Banda de Loulé, continuação do Bazar e leilão de frangos. Salientamos ainda no dia 15 pelas 16,30 horas, a exibição do Grupo Folclórico da Conceição de Faro.

talhos locais em tom absolutista, com aquela tirania que nos legou D. Miguel, que Deus tenha por anos sem fim na sua divina presença...

Uniram-se então doze habitantes da terra numa tertulia pacata e económica para comerem uma vez no ano bifes de carne apetitosa e tenra. Que fraternidade, humorismo e harmonia reinava nessas ceias passadas! A impiedosa morte porém, foi ceifando esses comensais pouco a pouco, com o rigor da álgebra misteriosa que ninguém conta, velhos e novos que a terra absorve e transforma...

No final da ceia, havia um rasteio a favor da Laura que nos servia tudo com abundância e prontidão. Ela merecia, pois não era rabugenta com os doze comensais dos bifes de vitela.

Após a meia-noite saíamos todos juntos, para vermos a feira de S. Martinho no máximo esplendor dos seus divertimentos nocturnos, à luz clara da electricidade e através das lentes do temperamento e da sensibilidade de cada um...

Davamos meia duzia de voltas compassadas, vagarosas e entrecortadas por ditos alegres, sem maldade...

A seguir o grupo desfazia-se, lenta e suavemente, murmurando os que recolhiam primeiro:

— Até para o ano, amigos!

A Parca, contudo, esentava esta frase amistosa e não se esquecia de nós.

A passos cautelosos, inespereadamente, erguia a sua foice e tratava de ceifar neles: um em cada ano, pelo menos ia para o campo santo, sob os ciprestes, como dizia o Bulhão Pato nos tempos de caçador, poeta e orador, quando nas suas caçadas matava lrebes anafadas e metias em vinagre e alhos...

A ceia de bifes, tal qual «A Ceia dos Cardiais», de Júlio Dantas, vão desaparecendo do palco da vida, embora a vida se renove numa eternidade suprema e acima das lutas mesquinhas dos homens que falam em perfeição.

Um grande poeta de Portugal já nos deu esta fulminante síntese em um verso maravilhoso:

A imperfeição de tudo quanto existe

Uma verdade sublime em um verso imortal.

Desses doze homens cuja boémia se expandia uma vez por ano, restam apenas três: João José Tavares, escrivão de Direito; José Dias dos Reis, farmacêutico; e Francisco Marques da Luz, comerciante.

Estão os três aposentados em aposentos seus, com pensão vitalícia e a porta do cemitério escancarada para o receber...

O Reis e o Luz são os que oferecem mais resistência. Não admira. Eram inalteravelmente os últimos a erguerem-se da mesa e a devorar os dois derradeiros bolos finos que os dedos preciosos da D. Rosália fabricava com superior mestria...

## UMA NOVA ACTIVIDADE DE PESCA EM QUARTEIRA

Foi construído no Estaleiro Naval de Quarteira, propriedade do sr. José da Casinha Correia, um barco à vela e a motor destinado à pescaria com redes e nylon, levando a bordo uma tripulação de 5 homens.

E' o primeiro barco à vela e a motor neste género, existente em Quarteira, que ficará pertença do marítimo sr. Manuel dos Ramos Cuco.

O seu custo orça por 67.000\$00 e o valor das redes e cabos custa 30.000\$00. Espera-se que esta inovação no sistema de pesca na Praia de Quarteira contribuirá para o seu desenvolvimento, não só sob o ponto de vista técnico, como de caminho aberto para formas de pesca mais progressiva do que as que actualmente existem, e que apenas utilizam a vela e o remo como meio de locomoção.

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## O Problema Turístico de Monte Gordo

(Conclusão da 3.ª página)

tuna, mas contamos que, ao menos, para o ano, se tomem providências) quem são os detentores de tanta bicharada que perturba o sono do veraneante e obrigar os mesmos a recolher os animais em vez de os deixarem na rua, de noite?

Não aconselho a fazer a chamada «caça ao cão», espectáculo sempre degradante, já impróprio do nosso século, mas umas multazinhas dão muito resultado, com a vantagem de mais esse benefício para os cofres camarários.

Beneficia a Câmara e os veraneantes e o assunto resolve-se.

Oxalá pudessemos usar o mesmo sistema para as moscas e mosquitos, que tanto nos mortificam...

**Transportes:** Não estamos mal servidos, neste aspecto. Porém, por vezes, verifica-se má organização dos serviços de camionagem — carreira privativa — pois, em época de tanto movimento, deveria encontrar-se permanentemente, um funcionário para informar a agência da quantidade de material necessário, em relação ao público que pretenda utilizar os seus serviços. Temos assistido, por vezes, a verdadeiros atropelos porque, com um ou dois carros pequenos, não pode haver organização e, quem necessita utilizar os carros por conveniências da sua vida, por vezes esquece os preceitos da cortesia e pouco se importa de «atropelar» os vizinhos, ser descortês e, quantas vezes, inconveniente, porque a isso é forçado pela inconveniência alheia.

Único culpado: os serviços mal organizados.

**Luz:** Outra barbaridade. Deve ser a única terra onde se paga luz a 5\$50 o kw/h. Agora, desde o dia 1, já temos luz a partir das 15 horas.

Se os serviços correspondentes fornecessem luz permanentemente e a um preço acessível, quero crer que somente teriam a ganhar com isso porque os utentes dariam muito mais consumo. Assim, privam-se muitos deles — é autêntico, porque sei de muitas famílias que consomem o indispensável, pois, salvo raras excepções, não são milionários os frequentadores desta praia — de consumir um pouco mais, cada um de acordo com as suas possibilidades.

Consta que vão reduzir os preços. Oxalá assim seja.

**Preços mercado:** E com todos estes inconvenientes, vemos que Monte Gordo, que tem um péssimo mercado, mal cheiroso e cheio de moscas (pela próxima permanência dos trens) é uma praia onde os vendedores de quaisquer artigos, não têm relutância em pedir exorbitantes preços e, assim, em certos dias, temos: linguados a 25\$00, salmónetes a 50\$, lagostins a 80\$00, azevias a 22\$00 e barbaridades semelhantes, como sejam os exagerados preços da fruta, dos ovos e de tantas outras coisas, entre elas o gelo, que custa em Vila Real de Santo António a \$30 e \$40 e vende-se em Monte Gordo a \$100 e \$120 kg.

Não haverá uma entidade para pôr termo a estes casos, tornando obrigatória a fixação de preços, como estabelece a lei, e não deixar estes ao critério dos vendedores, como ainda há dias sucedeu? Eu explico: Vendiam corvina a 12\$00. Apa-

## Orfeon Académico de Coimbra

Ex.ª Senhor Gerente da Pensão Mateus Vila Real de Santo António

Sómente hoje, em virtude do intenso trabalho do fim do ano lectivo, nos é possível vir responder a V. Não queremos deixar de manifestar o nosso agradecimento, por todas as amabilidades recebidas, não só da parte de V. como também da parte de todo o pessoal dessa casa que V. tão proficuamente dirige.

Quanto ao tratamento que nessa casa recebemos, gostosamente dou parte a V. de que o mesmo agradou em absoluto a todos os Orfeonistas de Coimbra, pelo que sem favor podemos colocar a Pensão Mateus, entre as primeiras das muitas casas desta especialidade, pelo Orfeon Académico de Coimbra já utilizadas.

Por tudo pois, um muito obrigado. Com as nossas melhores e mais cordeais Saudações Académicas.

Pela Direcção do Orfeon Académico de Coimbra.

João Faria

recen outro vendedor e logo passou para 10\$00 e o primeiro começou a anunciar a 8\$00 e, resumindo, dentro de poucos momentos já vendiam a 4\$00 kg. O cliente, até certo ponto, beneficia das catturices destes vendedores mas, em venda normal, que confiança pode ter nos mesmos, que usam critérios tão duvidosos? Se nos pedirem 10\$00 e nós oferecermos 6\$00, esses mesmos vendedores, em dia que não tenham concorrentes, nada se incomodam em passar-nos um correctivo de nos deixar arrazados.

E já não falo nos preços exagerados que se pedem aos estrangeiros, quantas vezes por artigos de qualidade inferior, porque a nossa praia não se preza muito neste sentido. Como não há a certeza de vender, não vale a pena comprar artigo melhor, que ficará a estragar-se no inverno...

**Entradas no Casino:** Não se compreende porque foram aumentadas, este ano. O Casino não é nem deve ser privativo de meia duzia de famílias privilegiadas pela sua situação material. É um estabelecimento de utilidade pública e a muita frequência — evidentemente escolhida — é que proporcionará ao seu arrendatário os meios suficientes para fazer face aos compromissos assumidos. De contrário, ele não terá compensação para o seu trabalho e não voltará nem poderá de forma alguma ficar com agradável recordação da sua permanência por estas paragens.

Esta carta vai já muito longa, sr. director: muitas, muitas mais considerações, haveria a fazer, sobre este inesgotável e celebr-

rimo assunto do turismo em Monte Gordo — um assunto sobre o qual todos falam à mesa do café mas não se vê ninguém fazer absolutamente nada para suprimir pelo menos casos a que me refiro e que, com boa vontade e quase nada de despeza, se eliminariam tão facilmente.

Quem vem aqui veranear deixar o seu dinheiro, uns com mais possibilidades de que outros, é certa, tem pleno direito a apresentar as suas reclamações, a pedir a supressão de todos os inconvenientes apontados, que são de fácil realização e bem insignificante dispêndio para os organismos de que dependem.

Tudo resultará em benefício comum e criará em nós, forasteiros, o desejo de cada vez mais nos «enraizarmos», nós, os nossos e aqueles amigos a quem falarmos, na nossa bela, linda e tão mal aproveitada praia de Monte Gordo.

E nós, aqueles que já quase nos sentimos seus naturais, quantas vezes chegamos a ficar envergonhados ao verificar que os nossos amigos, queles que aqui trouxemos arrastados pela nossa propaganda — ficam decepcionados, porque os anos passam e, infelizmente, temos sempre de lamentar uma série infinda de inconvenientes que já supunhamos eliminados mas que, teimosamente, vimos sempre encontrar como se fosse crónica doença contra a qual não há remédio...

Contamos na boa vontade e na competência dos homens — de boa vontade — que orientam os destinos destas terras tão esquecidas até agora e bem dignas de melhor futuro.

## COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

(Conclusão da 1.ª página)

Os membros da embaixada extraordinária embarcaram no «Vera Cruz», para a viagem de regresso a Lisboa.

No cais da Praça Mauá, a missão extraordinária portuguesa recebeu os cumprimentos de despedida das autoridades brasileiras e da colónia portuguesa.

A última cerimónia oficial da visita da embaixada foi a sessão, realizada no Gabinete Português de Leitura, em homenagem aos membros da missão extraordinária.

Além dos membros da missão portuguesa, assistiram à sessão o Ministro das Relações Exteriores, Negrão de Lima, o Ministro da Educação, Clovis Salgado, os representantes dos Ministros da Marinha e da Guerra, o embaixador de Portugal, dr. Manuel Rocheta, escritores, jornalistas e público muito numeroso, que enchia completamente e grande salão e as galerias adjacentes.

Abriu a sessão o vice-presidente em exercício da Federação das Associações Portuguesas, comendador Monteiro Guimarães, que saudou a missão, falando, depois o Reitor Magnífico da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, incumbido pela Federação de saudar o prof. Caeiro da Mata. O Reitor da Universidade do Brasil evocou a amizade que o liga ao prof. Caeiro da Mata, cujo perfil e actividade descreveu. Disse que foi escolhido para falar em nome dos portugueses do Brasil, mas que na verdade falava em nome de todos os brasileiros, e acenou que todos estavam «gratos pela lucidez do Governo português em ter confiado ao prof. Caeiro da Mata a missão de convidar o Presidente Kubtschek de Oliveira» para participar nas comemorações henriquinas. Exaltou a seguir a personalidade do Infante D. Henrique, «o homem da Providência», que teve a intuição do destino atlântico de Portugal e a quem a Humanidade deve o início da «Idade Moderna». Pedro Calmon terminou o seu discurso, afirmando que o Brasil «aceita e vai participar, honrado e agradecido, nas festividades henriquinas». E acrescentou:

«O facto de falarmos a mesma língua o termos a mesma origem constitui compromisso a que o Brasil não faltaria».

O prof. Caeiro da Mata falou a seguir, começando por agradecer a Pedro Calmon, cujo talento oratório exaltou. Disse que «a família portuguesa se estende para além das nossas fronteiras quando se trata do Brasil» e salientou: «Estamos tão próximos que para nós quase não existe o Atlântico».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Encerrando a sessão, o embaixador dr. Manuel Rocheta lembrou o tempo em que foi aluno do prof. Caeiro da Mata, «homem que em todos os círculos da actividade que a si mesmo quis traçar, como professor académico, publicista, diplomata, jurista ou árbitro internacional, sempre soube erguer obra sólida e definitiva, que jamais deixou de acabar».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

## Festival de Verão NA PRAIA DE QUARTEIRA

(Conclusão da 1.ª página)

bezas e a história do Algarve e depois duma descrição desenvolvida sobre a música, fez a apresentação da Orquestra Pax-Júlia a qual executou com agrado geral o seu programa internacional de música e dança e dançou-se com uma animação invulgar até às 5 horas da madrugada.

No domingo encaminhou-se o programa no mesmo sentido festivo da noite anterior, mantendo-se a mesma alegria.

Está já elaborado o programa das actividades para o mês de Agosto, onde serão apresentados, no dia 6 a apreciada artista Maria de Santo Estevão; dia 11 a interessante artista Maria José Valério; criadora da canção da Praia de Quarteira, 14, Conferência pelo Engenheiro Silva Carvalho sobre as possibilidades de exploração e valorização das Termas da Fonte Santa; dia 15 Noite dos Poetas Algarvios, dedicada a extraordinária figura de distinção e de beleza, D. Francisca de Aragão, nascida em Quarteira no ano de 1556 e grande inspiradora dos poetas, Luís de Camões, Pedro de Andrade Caminha e outros; dia 19, Concurso Folclórico com a exibição do Rancho de Faro que tanto sucesso obteve no Coliseu dos Recreios; 21, conferência sobre o clima e o Turismo de Quarteira, por um distinto meteorologista; dia 22 a Revista Mulheres à Vista do teatro ABC, de Lisboa, com os artistas Max, Raul Solnado, a impressionante artista brasileira Berta Loren e os valores do teatro ligeiro Leônia Mendes, Aida Baptista e José Viana. Apresentação da vedeta italiana Lina Belmonte.

No compere Carlos Coelho à frente de um grandioso elenco. Dia 26, final do Concurso Folclórico Algarvio com a apresentação do aplaudido Rancho de Alte. Dia 29 grande noite internacional dedicada à Colónia Estrangeira.

Um programa verdadeiramente extraordinário que ficará na memória de todos os veraneantes da linda Praia de Quarteira da época de 1959.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM COIMBRA na Tabacaria Ilda & C.ª Lda L. da Portagem, 35

de da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Encerrando a sessão, o embaixador dr. Manuel Rocheta lembrou o tempo em que foi aluno do prof. Caeiro da Mata, «homem que em todos os círculos da actividade que a si mesmo quis traçar, como professor académico, publicista, diplomata, jurista ou árbitro internacional, sempre soube erguer obra sólida e definitiva, que jamais deixou de acabar».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

Referiu-se, depois, o prof. Caeiro da Mata ao tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro que nós é «senão a consagração de uma grande realidade histórica e étnica».

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM COIMBRA na Tabacaria Ilda & C.ª Lda L. da Portagem, 35

EM TODA A PARTE AS PESSOAS MUITO OCUPADAS

preferem Parker T-Ball a esferográfica que escreve com suavidade

Que homem sensato! Como sabe que a sua caligrafia tem de ser firme e nítida usa a maravilhosa Parker T-Ball... a esferográfica de alta qualidade que produz traços bem delineados, precisos, sempre uniformes. Não há falhas ao iniciar a escrita nem margens irregulares... a tinta corre suavemente ao mais leve toque!

A PONTA POROSA EXCLUSIVA DA PARKER A superfície externa tem uma textura que lhe permite aderir ao papel com firmeza mas suavemente. Milhares de minúsculas células ligadas entre si cheias de tinta, asseguram uma escrita suave, uniforme.

Parker tBall Esferográfica

UM PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

## TINTAS EXCELSIOR

Tintas para a Construção Civil

AS MELHORES TINTAS PARA NAVIOS DE PESCA E COMÉRCIO

DEPOSITÁRIO NESTA VILA: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENIDA DA REPÚBLICA Telefone 12